

UMA CARTA

NOTA: — *Embora os escritos assinados sejam da responsabilidade de quem os subscreve, sempre a Redacção de Vértice procurou evitar quezílias entre colaboradores, sem que do mesmo passo se pretendesse impedir o inevitável e tantas vezes construtivo debate de ideias e pontos de vista diferentes. Intelizmente, porém, nem sempre o nosso intuito foi devidamente entendido e acatado, e circunstâncias surgiram, até, em que, ante a insistência de alguns colaboradores, difícil se tornou obstar à publicação de originais cuja suspensão seria de preferir. Daí ter-se chegado à situação a que directamente se refere a presente carta que João José Cochofel dirigiu ao Editor de Vértice, com pedido para ser publicada no n.º 129, o que foi impossível por, à data do seu recebimento, esse número já se encontrar paginado.*

Mas uma vez encerrado este incidente, a tantos títulos lamentável, está a Redacção firme no propósito de, no futuro, estrictamente defender os princípios enunciados no primeiro período desta nota.

A REDACÇÃO

Lisboa, 11 de Junho de 1954

Meu caro Mário Braga:

Entendeu o Dr. Saraiva reavivar, ao cabo de dois anos, no último número da nossa revista, uma deplorável polémica que eu julgava definitivamente arrumada, e para tanto retoma a minha velha metáfora de engenheiros e pontes (*Vértice*, vol. XII, pág. 345). Ficou a remoer naquilo este tempo todo, e não se conteve que não desabafasse. Até aqui, havemos de concordar que está no seu pleníssimo direito, já que a boa-vontade da gente de *Vértice* lhe abre as portas aos desabafos. Mas este Dr. Saraiva é um homem incrível! Ora lhe sobe a veneta de preconizar, como panaceia universal, que se transformem as macieiras de modo a deixarem de dar maçãs, certamente no louvável intuito de as fazer produzir... trigo para matar a fome do planeta (*Vértice*, n.º 124, pág. 43); ora se entretem a visionar construções fabulosas, tal como o Quixote vislumbrava gigantes nos pacíficos moinhos de vento com que esgrimia. De facto, a sua «ponte abstracta» é apenas uma ponte absurda, pois não chega a ligar uma margem à outra, coisa essencial à definição de ponte, e legítimamente só há na

verdade a concluir que, engenheiro ou não, quem a concebesse não passaria de uma concretíssima besta!

Pormenores! — dirá o Dr. Saraiva. E eu continuo a estar de acordo. — Até mesmo, para quê pontes, se na ideia do homem simples e apressado, habituado aos bucólicos arroios do torrão natal, duas boas tábuas resolvem a situação? O pior é se esse homem, no seu desprezo pela técnica, pelas pontes e pelos engenheiros, se dispõe a aplicar o processo ao Ganges ou ao Amazonas. Corre o risco de apanhar um valente mergulho, o que afinal não deixaria de ser bem feito e talvez salutar, — se não fosse de consequências trágicamente funestas, não só para ele próprio, como para os viandantes que tivessem a ingenuidade de o seguir.

E por aqui me cerro, Mário Braga amigo, porque não estou para alimentar polémicas fúteis, nem que venham todos os Saraivas do Mundo... e arredores.

Agradecendo-te a publicação desta carta, abraça-te o

João José Cochofel